

**O silêncio de Joana d’Arc: uma análise do inefável e do indizível no Filme “A
paixão de Joana d’Arc”**

Ivan, MARTINS CINTRA

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná / PUCPR)

Orientador: Daniel, PALA ABEICHE

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná / PUCPR)

INTRODUÇÃO

No cinema, os signos do indizível estão presentes na cenografia, na interpretação dos atores, na fotografia, na montagem, entre outros. Segundo o teórico do cinema André Bazin (2018), depois de quase trinta e cinco anos de história, em 1928 o cinema mudo estava em seu apogeu. Seja pelo conteúdo plástico da composição da imagem ou pelos recursos da montagem, os filmes silenciosos dispunham de um forte conjunto de procedimentos para impor aos espectadores uma interpretação dos acontecimentos (BAZIN, 2018). É neste contexto que se insere Carl Theodor Dreyer na realização do filme “A Paixão de Joana d’Arc” (França, 1928).

Yara Vieira (2009) afirma que o longa de Dreyer transmite intensas emoções especialmente pela forte interpretação de Renée Falconetti. É a representação fílmica de uma Joana d’Arc silenciada – tanto por seus captores quanto pela ausência sonora – mas que muito diz. Embora seja um filme mudo, “A Paixão de Joana d’Arc” pode ser interpretado como um filme falado (BAZIN, 2018). É uma realização com densa semântica visual em todos os elementos que compõem a produção cinematográfica.

A presente pesquisa pretende realizar uma análise semiótica sobre as ontologias do silêncio presentes no filme “A Paixão de Joana d’Arc”. Formulou-se o seguinte questionamento: Quais os signos do silêncio presentes no filme “A Paixão de Joana d’Arc” e como eles operam?

PESQUISA

O melhor de uma obra de arte é aquilo que está implícito nela. O filósofo contemporâneo Vladimir Jankélevitch (2018) apresentou em sua obra o carácter indizível e inefável de certas relações humanas, como as artes. Ludwig Wittgenstein (1999), influente pensador

do século XX, relacionou a inefabilidade nas artes com a impossibilidade de se dizer certas coisas. Esta premissa está evidente em suas abordagens entre o dizer e o mostrar, fundamentais para embasar sua tese acerca dos limites da linguagem. Mais tarde, o ensaísta argentino Santiago Kovladoff apresenta um trabalho denominado *Silêncio primordial* (1993), analisando o silêncio relacionado ao inefável. O enfoque do autor está no inexprimível, aquilo que não pode ser dito ou nomeado – evidenciando a insuficiência das palavras diante das coisas. São estudos relevantes para a definição dos signos do indizível.

Dreyer foi um cineasta dinamarquês muito hábil em sua representação das emoções dramáticas. Efetivamente, o cinema de Dreyer era diferente daquele que surgiu com os irmãos Lumière. “A Paixão de Joana d’Arc” tem teor conotativo, influências do teatro dramático, da montagem eisensteiniana e do expressionismo (Bazin, 2018).

Considerando somente a linguagem cinematográfica, “A Paixão de Joana d’Arc” já é interpretado por alguns estudiosos como um filme falado (BAZIN, 2018). O longa de Dreyer, em seu cerne, traz os mesmos aspectos técnicos de cinematografia que um filme feito na era sonora. O cinema mudo é para Bazin “a realidade menos um de seus elementos” (BAZIN, 2018, p. 107). O autor discute a transição do mudo para o sonoro como se fosse uma evolução sem ruptura (BAZIN, 2018).

A escassez de cenário aprisiona Joana, aferindo ao filme a estética claustrofóbica de aprisionamento. A cenografia sutil dá lugar às emoções performáticas, ao intangível, ao inefável e ao indizível.

“A Paixão de Joana d’Arc” de Dreyer resgata o verdadeiro sentido artístico da imagem e de seus signos. Mesmo sendo um filme mudo, “A Paixão de Joana d’Arc” é um filme de palavras, cada expressão transmite um subtexto diferente; cada close-up é uma frase não dita, mas entendida – Falconetti sem voz sabe dizer muito. A dor de Joana pode ser sentida de perto, o sentimento claustrofóbico do aprisionamento é exposto em uma mistura de desespero e injustiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Paixão de Joana d’Arc” é um filme que representa o encontro da beleza e da tragédia que, em arte visual, traz a poética espiritual para a obra; que também é um lembrete do

misticismo e da religiosidade. O longa de Dreyer utiliza de recursos da linguagem cinematográfica para manipular a visão do espectador e emocioná-lo por meio do silêncio.

A presente pesquisa é um estudo que pode contribuir para uma compreensão da estética contemporânea e para futuras análises da comunicação, do cinema e da cultura. Esta aproximação da comunicação com a filosofia possibilitará um entendimento mais aprofundado dos fenômenos comunicacionais com uma abordagem epistemológica consistente e original.

REFERÊNCIAS

A PAIXÃO de Joana d'Arc. Direção de Carl Theodor Dreyer. França; Dinamarca, 1928. (110 min).

BAZIN, André. **O que é cinema?** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** São Paulo: Edusp, 2019.

CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos: Uma exploração das hibridações culturais.** São Paulo: Studio Nobel, 1996.

JANKÉLEVITCH, Vladimir. **A Música e o Inefável.** São Paulo: Perspectiva, 2018

KOVADLOFF, Santiago. **O Silêncio Primordial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

VIEIRA, Yara Frateschi. **A paixão de Joana d'Arc, segundo Dreyer.** In: MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. *A idade média no cinema.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.49-81.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999